

Rir ou não rir: eis a questão

Alessandra Del Ré¹

Resumo: O objetivo deste artigo é levantar algumas questões concernentes ao humor na linguagem da criança (3-5 anos), a partir de um *corpus* constituído para uma pesquisa de doutorado (DEL RÉ, 2003). Tais dados, coletados transversalmente, em 24 sessões de aproximadamente 30 minutos, e registrados em vídeo, servirão de base para que se possa trazer à tona a maneira pela qual a criança é levada a produzir os enunciados que provocam o seu próprio riso e/ou o de seu interlocutor e, permitirão vislumbrar os caminhos para os quais apontam o humor infantil. Trata-se de discutir os resultados e verificar até que ponto é possível observar os dados infantis a partir de um olhar adulto.

Palavras-chave: Humor. Criança. Enunciados humorísticos. Aquisição da linguagem oral.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir, a partir de dados retirados de uma pesquisa de doutorado (DEL RÉ, 2003), a relação entre o discurso humorístico, a criança e sua posição co-enunciativa em relação ao adulto.

A importância de se realizar um trabalho desta natureza justifica-se, em primeiro lugar, pelo número reduzido de estudos que se dedicaram ao humor na linguagem da criança e também pelo fato de se tratar de um estudo que pretende agregar, à análise lingüística, o caráter discursivo e dialógico da linguagem (BAKHTIN, 1988), levando em consideração os modos de encadeamento (discursivo), ou seja, a continuida-

¹ Doutora e Docente da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara (UNESP-FCLAr).

de e a descontinuidade do discurso durante o diálogo. Além disso, este estudo traz à tona o caráter pragmático dessas produções, reiterado pela importância atribuída ao contexto em que foram produzidas e à atmosfera que envolvia a situação (conivência) e, finalmente, ressalta a importância de um estudo da comunicação não-verbal (as emoções, os risos e os sorrisos), associado à verbal.

No momento da confecção da tese, propusemos uma tipologia do discurso humorístico baseada em adultos que riam de enunciados produzidos pelas crianças, e de crianças que riam de enunciados produzidos por elas mesmas, por outras crianças e, às vezes, também por adultos. Mas será que as crianças riam das mesmas coisas que os adultos? É possível analisar as produções infantis a partir de conceitos “adultos”? De que maneira se constrói o humor nos enunciados das crianças? De que humor se trata? Seria possível propor apenas uma tipologia do humor infantil?

Partindo da hipótese de que o humor pode ser encontrado precocemente no discurso infantil (BARIAUD, 1983 e AIMARD, 1988), pareceu-nos pertinente verificar a maneira pela qual a criança é levada a produzir os enunciados que provocam o seu próprio riso ou o de seu interlocutor e, a partir dessas produções, vislumbrar os caminhos para os quais apontam o humor infantil.

Pressupostos teóricos

Embora agradável e divertido, desvendar os caminhos do humor infantil não é tão simples quanto pode parecer. Em primeiro lugar, porque seria preciso, antes de mais nada, defini-lo e/ou diferenciá-lo de categorias ligadas a ele tais como o riso, o cômico, a piada, os jogos etc. Mas, na medida em que a linguagem está sujeita a mudanças, aberta a possibilidades e a diferentes significações, não se pode enquadrá-la em uma ordem, uma estrutura social ou em convenções lingüísticas. Nesse sentido, não há definições – e, portanto, teorias – de humor, riso etc., que sejam certas ou erradas porque, como não possuem um lugar definido em relação à norma, não constituem transgressão ou subversão.

E é por essa razão que o presente trabalho transcorre como se fizesse referência indistintamente ao universo do humor. Humor, aqui, é aquilo que é risível – aquilo de que se ri, no âmbito discursivo –, o que é cômico para a criança e/ou adulto, esse “algo a mais”, misterioso, que não se sabe bem ao certo o que é, mas que exerce um fascínio sobre aquele que ouve e, sobretudo, sobre aquele que produz. Privilegiamos,

assim, o que é desencadeado por diferentes condutas de linguagem (a piada, os jogos de palavras etc.) dependendo do(s) interlocutor(es) e do contexto (sócio-histórico e político) no qual eles se inserem.

Vale dizer que subjaz a essa proposta de aquisição da linguagem, na qual nos basearemos, uma perspectiva enunciativa e discursiva (BAKHTIN, 1988). Em outras palavras, levamos em consideração, no momento da análise dos dados, elementos que estão intimamente relacionados à produção *linguagreira*, a saber, os enunciadores e co-enunciadores envolvidos, o tempo e o espaço dessa enunciação, dados históricos, culturais e sociais.

Nesse sentido, adotamos igualmente a noção de *socialização da linguagem* proposta por Ochs (1988) e Ochs e Schieffelin (1984), a partir da qual deve-se analisar o processo de aquisição da linguagem também como um processo por meio do qual a criança, ao aprender como falar, torna-se um competente membro – socializado – de sua comunidade.

É esta sociedade que se encarregará de « espalhar » pistas sobre as « regras » do jogo no que se refere à linguagem, entre outras, e a criança não vai sossegar enquanto não conseguir desvendá-las (ALBANO, 1990).

Assim, a linguagem é, para a criança, um modo de entrada nas relações sociais; é por meio dela que o *infans* passará a integrar uma sociedade e internalizar seus valores, até mesmo aqueles referentes à personalidade e ao comportamento, e ao mesmo tempo, participará e interferirá em sua constituição. Aprende-se pela própria experiência, mas sobretudo por meio de outros discursos, outras vozes (polifonia) que vão se manifestar no movimento dialógico, na convergência e na ruptura. E é nesse movimento, nessa circulação discursiva que emergirá o caráter singular do discurso infantil.

De acordo com Bruner (2004), aprender a realizar uma ação, ou incorporar um conceito, não se resume simplesmente a aprender a linguagem, ou mesmo os atos de linguagem. Trata-se de aprender a cultura e a maneira de “fazer as coisas com palavras” (op.cit.: 14), ou seja, de utilizar a linguagem em uma determinada cultura. Desse modo, não se trata de um simples esquema de demanda-reação, mas de uma variedade de modos de articulação. A diversidade e complementaridade de condutas *linguagreas* são elementos constitutivos do processo de socialização, do qual a criança faz parte.

Metodologia

Os dados apresentados resultam de um estudo transversal realizado com 9 crianças brasileiras, entre 3 e 5 anos, em situação de interação com outras crianças (grupos de três crianças da mesma idade), ou individualmente (com o pesquisador).

Tanto para a pesquisa individual quanto para aquela em grupo, foram elaboradas 2 situações diferentes, totalizando assim quatro situações, em que as crianças:

- a) falaram de palhaços, de circo, de coisas que as faziam rir, a partir de um livro no qual elas deveriam preencher os rostos de palhaços com adesivos em forma de boca, olhos etc. (atividade em grupo);
- b) brincaram com marionetes (atividade em grupo);
- c) contaram uma história a partir de um livro de imagens cujo tema era a mágica (bruxa) e nomearam alguns monstros que apareciam em outro livro (atividade individual, apenas com o pesquisador); e, finalmente,
- d) definiram alguns elementos presentes em duas imagens que lhes foram mostradas (atividade individual, apenas com o pesquisador).

Terminadas as sessões (total de 24, entre 15 e 30 minutos), os fragmentos que melhor traduziam nossos objetivos foram selecionados e, então, transcritos pela pesquisadora, com base nas normas do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil)² para serem posteriormente analisados. Também foram levados em consideração nas transcrições aspectos não-verbais (riso, olhar...), associados ou não à verbalização.

Para a seleção dos dados, procuramos por índices verbais e não-verbais, todos relacionados e não de modo independente, que compusessem o discurso humorístico: os risos, os sorrisos, os enunciados metalingüísticos, o *nonsense*, os jogos de linguagem... E quaisquer que sejam as condutas languageiras utilizadas pela criança para conseguir o efeito de humor em seus enunciados, o acesso a elas parece se dar, em geral, pela relação dialógica que a criança estabelece com o outro e pelos movimentos discursivos que se originam dessa relação.

² CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Projeto N.U.R.C./SP. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor/Fapesp, v. II, 1987.

São esses encadeamentos discursivos, a continuidade (a convivência³ entre os interlocutores, as condutas explicativas⁴) e a descontinuidade deles (as rupturas⁵), que contribuirão para a produção de enunciados humorísticos. Do mesmo modo, a situação ou o contexto em que eles se inscrevem são imprescindíveis para seu aparecimento no discurso. Falar em contexto é falar no o/Outro, num Eu que capta a posição que esse outro adota a seu respeito e, conseqüentemente, no locutor.

Resultados

Das 24 sessões, levantamos um total de 360 enunciados humorísticos que foram identificados, a partir de indícios não-verbais (risos e/ou sorrisos), como sendo: *nonsense*, lúdico, temático, anedótico, ingênuo, metalingüístico, anômalo e zombador. Seguem, abaixo, as explicações para os nomes dados.

Sendo a noção de *nonsense* um pouco ampla, privilegiamos, aqui, o *continuum* entre algo que tem um sentido banal e algo que é verdadeiramente incoerente. Não há, assim, ausência de sentido, mas a criação de um efeito de sentido *nonsense* que serve ao humor (humor *nonsense*). Podemos dizer que um enunciado está no domínio do *nonsense* quando ele não faz sentido para nós, receptores, embora ele possa fazer sentido para a criança.

As formas lúdicas constituem uma outra forma de manifestação do humor. Optamos por chamá-las assim (humor lúdico) porque a criança, em geral, parece brincar, jogar com a sonoridade das palavras, rir das

³ Deve-se entender o conceito de convivência, aqui, enquanto um conjunto de elementos verbais e não-verbais (como os risos, os sorrisos etc.) dos locutores e dos receptores que coexistem e marcam o implícito, a partilha de saberes, a convergência, o consenso, o alinhamento, a proximidade e o humor. Para mais detalhes, consultar artigo: DEL RÉ, A. "Convivência e humor nas interações criança-adulto e criança-criança", *Afinal, já sabem os para que serve a Lingüística?* IV ENAPOL (Encontro de Alunos da Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo), São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002. p. 177-188.

⁴ Os pedidos de explicação e as explicações fornecidas, observadas nas trocas/interação adulto-criança e criança-criança, aparecem, muitas vezes, desencadeando o riso na própria criança e/ou em seu interlocutor. Essa questão encontra-se discutida em DEL RÉ, A. "Explicação e humor na linguagem da criança" *Conceito, definição e explicação na linguagem da criança*, v. 4. Silvia Dinucci Fernandes (org.) Série Trilhas Lingüísticas. Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa- FCL/UNESP-Araraquara, 2003, p.163-188.

⁵ Rupturas são deslocamentos em que não se identifica a ligação com o seu precedente (ex. deslocamentos de tema). FRANÇOIS, F. *Pratiques de l'oral*. Paris: Nathan, 1993.

redundâncias nos nomes, sem considerar seu conteúdo; dessa forma, não poderíamos afirmar que se trata de jogos de palavras propriamente ditos.

Uma outra maneira de a criança brincar com a linguagem é fazer uso das formas de adivinhas e piadas, mas apesar de elas estarem voltadas igualmente para o uso lúdico da linguagem, esse elemento (lúdico) que encontramos nelas e nos jogos de linguagem, por exemplo, não são da mesma natureza, daí adotarmos o termo “humor anedótico”.

Há também um humor que, na maioria das vezes, está ligado aos deslocamentos de tema, em geral do cotidiano para o imaginário da criança e vice-versa (humor temático). No primeiro caso, o real é a percepção sobre as referências anteriormente constituídas na experiência. A situação humorística implica uma mudança de registro e no comportamento realista esta troca não se faz. Como se o sujeito tivesse alguma dificuldade em se distanciar, de um lado, de seus referenciais (ele tende a impô-los) e, de outro, do acontecimento percebido; ele o considera verdadeiro e busca nele uma lógica idêntica à realidade de maneira a reconstitui-la. Ele se prende às normas do real.

Para rir, ou descobrir o humor nas coisas, é preciso aprender a se divertir com aquilo que não faz parte do padrão real, valendo-se de regras da fantasia; ou ainda, como diz Emelina (1996, p. 128), o humor são as férias (*mise en vacances*) com o princípio do prazer e da realidade. Assim, para Bariaud (1983), realistas são as reações que negam o humor (algo impossível) e o colocam no mesmo plano que a realidade. O plano da fantasia, ao contrário, consiste em considerar o humor como uma criação do imaginário, uma incongruência sem limites, que pode chegar à maior das inverossimilhanças.

Os jogos de ficção estão nas origens do humor. Na verdade eles se misturam até o momento em que passam a ser encarados, mais tarde, como diferentes e, nesse momento, eles já não são mais engraçados. Trata-se da aceitação da incongruência qualquer que ela seja, no real e no plano da fantasia. Algumas técnicas do humor, como o exagero, por exemplo, contribuem para o efeito fictício já dado pelo contexto.

“Fazer de conta” é distorcer a realidade, os objetos, os parceiros; os quadros são momentaneamente tratados como se fossem outros, diferentes do que realmente são, de maneira que eles não correspondem às expectativas. Com o humor, afasta-se das pressões do real para admitir, na fantasia, incongruências. Jogar o jogo no humor é fazer como se essas incongruências não fossem falsas. A criança joga bem esse jogo e

se diverte quando o outro entra no seu jogo, quando imagina que esse outro está sendo enganado.

No que se refere ao humor anômalo, há nesse tipo de humor um distanciamento em relação às convenções, uma certa superioridade. A criança só achará algo engraçado se seu conhecimento de mundo for suficientemente sólido permitindo-lhe ter certeza do caráter lúdico da distorção que ela encontra. Mas seu riso, ainda que de superioridade, não é igual ao do adulto, que ri porque o fato de alguém tropeçar ou cair é cômico para ele. Trata-se do reflexo de seu prazer (puro), pois ela goza de uma posição superior, aquela de quem não tropeçou ou não caiu.

Essa superioridade ou esse conhecimento de mundo que revela o “saber” da criança em relação ao mundo, na verdade, compõe uma das manifestações lingüísticas que muitas vezes fazem os adultos rirem: a ingenuidade (humor ingênuo).

O riso, nesse caso, decorre do fato de a criança não ter pretendido provocá-lo em seu interlocutor ou nela própria; podemos identificar tal ausência de “intenção” no seu comportamento sério diante do riso do outro, ou seja, diante de tal situação ela não ri porque o que ela disse é o que ela conhece – ou desconhece.

Mas, às vezes, a pressuposição dessa ingenuidade por parte do outro, em relação à criança que produz determinado enunciado, pode surpreender. Acreditamos que ela tenha dito algo por mera ingenuidade, mas, na realidade, ela está zombando de seu interlocutor. Por outro lado, o adulto também pode zombar da criança ingênua, mas, como neste trabalho estamos preocupados apenas com o primeiro tipo de zombaria, só nos interessam as produções infantis que desencadearam o riso.

De qualquer modo, o que denominamos aqui de “zombaria” é o humor (humor zombador) que se refere a uma diferença baseada numa “norma” dos espaços culturais, sociais e históricos. Trata-se de uma brincadeira espontânea, ligada ao momento da enunciação. Entre aquele que zomba e aquele de quem se zomba se estabelece uma relação que pode ser conflituosa caso o interlocutor (o objeto da gozação) não aceite participar do jogo, da brincadeira. Tudo o que está nesse domínio, em tese, deveria ser engraçado, embora haja depreciação do outro, mas o fato de, muitas vezes, se colocar em jogo também a integridade dele pode gerar uma certa tensão no diálogo.

Essa zombaria pode partir da criança ou do adulto e, em se tratando dos adultos-pais ou professores, o humor zombador pode assumir um caráter educativo: além do tom descontraído (de riso) que o discurso

assume, atenuando uma possível correção, deve-se levar em conta que ninguém – nem as crianças – gostam de ser alvo de gozação e, assim, ela se esforçará para que a situação não se repita. É claro que, como toda “medida pedagógica”, ela também tem o seu revés: se ultrapassar o sutil limite que transforma algo engraçado em uma espécie de agressão, como é o caso da ironia, ele pode provocar uma “dissonância” na relação entre os interlocutores.

Uma vez reconhecida a atenção que a criança dá ao objeto lingüístico, é possível falar em “meta”, considerando que a atividade metalingüística (humor metalingüístico) pressupõe uma capacidade de refletir, estabelecer relações, abstrair e raciocinar, i.e., executar reformulações espontâneas da própria fala (autocorreções), correções sobre a fala do outro e jogos verbais. Seu conteúdo informa, assim, sobre as atividades de linguagem, e sua ocorrência no discurso é um sinal, fornecido pelo locutor, que permite ao interlocutor identificar a maneira pela qual deve-se entender/ouvir determinado enunciado - o universo do discurso.

Vejam os alguns exemplos⁶ de cada um dos “tipos de humor” que encontramos em nosso *corpus*:

1) Humor *nonsense*

A pesquisadora “P” pede à criança (6ª sessão, B. 5;10 anos) que nomeie o monstro do livro:

298⁷. B: o nome é assim

299. P: monstro levado?

300. B: monstro levado

301. P: ahn

302. B: levado de tudo pra deixar tu:::do pra deixar mais ele embora

303. P: ah é? ((rindo))

⁶ Infelizmente, por se tratar de um artigo, portanto, com restrições quanto ao número de páginas, não será possível aqui analisar cada um dos fragmentos selecionados, assim, procuramos “recortar” os momentos em que os tipos de humor que identificamos (enunciados sublinhados) apareceram no diálogo, na tentativa de contextualizar o máximo possível tais produções. Para uma análise detalhada dos fragmentos verificar o capítulo ‘análise’ da referida tese.

⁷ Optamos por manter a numeração de turnos da transcrição original (volume n.2 da referida tese) para que o leitor interessado em saber o que precede e sucede os segmentos aqui selecionados possa localizar tais situações com mais facilidade.

304. B: é deixar mais ele embora

305. P: ((ri))

306. B: entendeu?

307. P: ahn ahn ((afirmativamente))

2) Humor lúdico: baseia-se em brincadeiras com a) a sonoridade das palavras (jogos de linguagem), b) os nomes (nomeação) e c) os palavrões.

a) a pesquisadora deixa as crianças (4ª sessão, S. 3; 8 anos, V. 3; 4 anos e M. 3; 2 anos) brincarem à vontade com os fantoches e, espontaneamente, elas decidem falar diante do gravador:

101. V: eu vou falar do tatu

102. P: o que que você vai falar do tatu?

103. M: jacaré

104. P: o que que você vai falar dele?

105. S: o tatu pic/ o tatu picou o pé do Pica-pau

106. P: o tatu picou o pé do pica-pau? ((rindo))

107. M: ((risos))

108. V: eu sou o tatu

109. S: não o tatu taí? não é a mesma coisa que “tatutano”(?)

110. P: ((risos))

111. S: então canta

(...)

132. M: o Pica-pau pegou o pé do jacaré ((gritando))

b) a pesquisadora pede às crianças (grupo) que completem os rostos dos palhaços com adesivos e S. (3;8 anos) fala sobre o que ele fez (1ª sessão):

P: como ele é esse palhaço que você fez S.? conta pra mim

180. S: é o palhaço é o papai doel ((ele ri quando fala isso; ele está terminando de colar os adesivos))

181. P: papai noel? o palhaço é o papai noel?

182. S: não é o papai doel

183. P: papai doel? o que que é o papai doel?

184. S: ah papai doel

185. P: papai doel? ahn...o que que ele faz o papai doel?

186. S: ele ele faz ele ele faz comida pa nós comê

187. P: ah é?

188. S: é

c) a pesquisadora apresenta figuras e a criança (16ª sessão, S. 3;8 anos) espontaneamente desenha:

P: ah: tem desenho quem fez esses desenhos?

167. S: foi eu

168. P: você? todos eles?

169. S: esse é p. ((palavrão; aponta para um desenho do livro))

170. P: ah:: que coisa horrível de falá

171. S: sabe que já sarô já sarô a minha garganta

172. P: já sarô sua garganta? que bom

173. S: este é da f.((palavrão)) ((gargalha apontando para outro desenho do caderno))

174. P: não pode falá:: não pode falá se ficá assim eu não vô mais fazê na/ nenhuma brincadeira com você ah eu não gosto

175. S: sim é do v. ((palavrão)) esse ((ri))

((S. falou vários palavrões e dava risada, mesmo quando ele era solicitado a parar))

3) Humor temático: baseia-se em deslocamentos de tema para o a) cotidiano (experiências vividas) e para o b) imaginário (o “fazer de conta”).

a) a pesquisadora mostra o livro de figuras para uma das crianças (5ª sessão, V.3;4 anos) e pergunta:

69. P: já? e como é que é a mágica...que você viu?

70. V: é assim com fogo

71. P: ahn

72. V: (e aí o leão vilô um jacalé))

73. P: ahn

74. V: (e aí o jacalé vilô um leão)

75. P: ahn ((exclamando)) essa foi a mágica que você viu?

76. V: é

77. P: é::? e aonde cê essa mágica?

78. V: lá na lá lá em Osasco ((olha para a janela e logo depois para o livro novamente))

79. P: em Osasco? ((ri)) e aqui? ((retorna a atenção de V para o livro))

80. V: o que é isso? ((coloca a mão na boca várias vezes, mostrando timidez ou nervosismo))

81. P: é não sei... o que será o que cê acha que é isso aqui?

b) a pesquisadora mostra para a criança (20ª sessão, B. 5;10 anos) uma figura que continha um menino com uma máscara de lobo:

315. B: o que que é o lobo?

316. P: é

317. B: ele não existe

318. P: o lobo não existe? ah::

319. B: quando a gente não tinha nascido

320. P: ahn

321. B: é:: a bruxa existia

322. P: a bruxa existia... e o lobo?

323. B: o lobo?... quando a gente tava no carro ((ri))

324. P: quando a gente tava aonde?

325. B: no carro

326. P: no carro ahn

327. B: indo po/ i/ indo embora

328. P: ahn

329. B: pra creche

330. P: ahn

331. B: pra i pra casa sabe o que que aconteceu? ((rindo))

332. P: não

333. B: meu (pai) falô “olha olha o bicho papão olha a bruxa olha o lobo” ((rindo))

334. P: cês viram todo mundo?

335. B: não

336. P: não?

337. B: a gente se escondia ((rindo))

338. P: era mentira?

339. B: e::ra

4) Humor anedótico: é o humor que se baseia em a) piadas; e b) adivinhas.

a) a pesquisadora pede às crianças (grupo) que completem os rostos dos palhaços com adesivos e A. (5;5 anos) fala sobre o que ela fez (18ª sessão):

(...)

211. A: esse palhaço esse palhaço eu tenho uma piada dele

212. P: então vai fala

213. A: a flo::r ... ela arranco mais num morreu ela morreu debaixo do

((ininteligível))

214. P: ((ri)) que é isso? o que que é isso? ahn quem mais?

215. A: essa piada aqui ele falô “eu gosto de namorada mas eu não gosto de piada” ((risos))

216. P: ((rindo)) de piada? ahn quem mais sabe história de palhaço que nem a A?

b) a pesquisadora mostra para a criança (12^a sessão, F. 4;5 anos) uma figura que continha, entre outras coisas, um pato em forma de livro:

37. P. ah:: e o que que é um pato?

38. F. pato é ele voa ((bate os braços como asas))

39. P: pato ele voa?

40. F: não voa não

41. P: eu não sei eu não conheço pato

42. F: eu vou fazer uma dica pra você

43. P: uhn:: dá uma dica pra mim

**44. F: voa mas ((coloca a mão na boca ao perceber que errara))
...tem asa mas não voa**

45. P: ahn ((risos))

46. F: adivinha

47. P: tem asa mas não voa...passarinho?

48. F: voa

49. P: passarinho voa... uhn:: galinha?

50. F: ((sinaliza com a cabeça que não))

5) Humor ingênuo: é o humor que se baseia no discurso espontâneo da criança, a) no seu conhecimento (infantilizado) do mundo, b) na sua sinceridade, c) no seu erro involuntário, d) na sua “autopromoção” (a criança se vangloria de algo que ela fez ou disse), e e) no seu desconhecimento das coisas.

a) a pesquisadora mostra para a criança (9^a sessão, M. 3;2 anos) uma figura que continha ratos, gatos e maçãs que voavam em um grande balão:

1. P: me conte aqui... vem aqui vamo sentá aqui na cobrinha? ((na almofada com formato de cobra)) vamo? sabe o que eu quero que você me conte?... eu quero que você me fale... tudo o que você tá vendo aqui... o que que você tá vendo aqui?

2. M: gato

3. P: fala
4. M: gato ((vai apontando os elementos na figura enquanto os nomeia))
5. P: um gato e o que mais?
6. M: cachorro
7. P: cacho::rro ahn... que mais?
8. M: helicóptero
9. P: helicó::ptero uhn
10. M: e um rato
11. P: um ra::to... uhn e o que mais?
- 12. M: a rata ((sorri))**
13. P: a rata ((ri)) que mais?
14. M: eu caí ((M se movimenta e se distrai))

b) a pesquisadora pede a M. (3;2 anos) que fale dos monstrinhos do livro (3ª sessão):

119. P: e aqui... oh... que que acontece aqui ((continua manipulando as ilustrações; o livro permite que o leitor interaja com os monstrinhos, modificando suas expressões ao abrir e fechar o livro, por exemplo))
120. M: ((silêncio))
121. P: ahn?
122. M: ((silêncio))
123. P: e esse oh esse ((mostra mais um monstrinho))
124. M: ((ininteligível))
125. P: é um monstrinho... olha dá um beijinho ((P tenta fazer com que M interaja com as ilustrações)) ((risos))
- 126. M: ele é feio ((sorri))**
127. P: ele é feio ((ri))
128. M: ((ininteligível))
129. P: ahn?
130. M: é feio
131. P: não... é bonito ((ri)) é um monstrinho de óculos oh ((mostra a figura para M)) ... dá pra gente vê oh... o olho dele no óculos oh aí... não gostô desse... qual que cê gostô? esse cê gostô?
132. M: ((sinaliza que sim com a cabeça))
133. P: é? da minhoca?
134. M: é

c) a pesquisadora pede a V.(3;4 anos) que fale dos monstrinhos do livro (5ª sessão):

159. P: esse aqui.... ih o que que é isso?
160. V: não sei
161. P: é um olho que abre e fecha... o seu olho abre e fecha também?
162. V: ((sinaliza que sim com a cabeça))
163. P: é? ((sorri)) quando você fecha o olho?
164. V: amanhã
165. P: amanhã:?: ((ri))... e esse daí? que que é? ((outro monstrinho))
166. V: ((silêncio; observa a figura e fecha o livro, P. abre o livro novamente))

d) a pesquisadora pede a F. (4;5 anos) que fale sobre a figura e aqui ele se apóia em imagens de cogumelos lendo (12^a a sessão):

121. P: e isso daqui ((apontando para o cogumelo)) o que que é? cê conhece?
122. F: não sei...- - eu já como brócolis ((deita-se e pára de falar da figura))
123. P: cê já come brócolis? ((rindo)) é?
124. F: tenho 4 anos e já como brócolis
125. P: muito bem
126. F: eu já comi hoje no jantar ((almoço))
127. P: comeu hoje?
128. F: comi sabe quanto?
129. P: não
130. F: três
131. P: nossa e é gostoso brócoli?
132. F: ((sinaliza com a cabeça que sim))
133. P: é?
134. F: comi até a flor
135. P: no::ssa
136. F: até o pau ((caule))
137. P: uhn:: ((exclamando)) cê comeu? ((rindo))e é gostoso brócolis?
138. F: é - -

e) a pesquisadora distribui as folhas e os adesivos e as crianças (23^a sessão, F. 4;5 anos, Sa. 4;8 anos e Ma. 4;5 anos) montam as caras dos palhaços colando os adesivos:

28. F: deixa eu vê o que eu vô botá
29. Sa: que que é isso?

30. P: isso é uma boca não é?

31. F: é

32. P: não sei pode sê outra coisa o que que pode sê?

33. F: boca ((risos))

34. P: o que que é isso aí?

((ininteligível))

6) Humor metalingüístico: é o humor que se baseia nas a) correções (hetero e autocorreções); e nas b) transgressões da língua.

a) a pesquisadora mostra para a criança (14ª sessão, Sa. 4;8 anos) uma figura que continha ratos, gatos e maçãs que voavam em um grande balão:

139. P: o rato fala?

140. Sa: nã::o

141. P: não? ah:: mas o Mickey fala... se já viu o Mi

]

142. Sa: e a Minie

143. P: e a Minie também... e eles são ratos não são?

144. Sa: **sã::o:: ((rindo))**

145. P: mas são diferentes né?

146. Sa: são só de um desenho

147. P: ah::bom::...

b) a pesquisadora distribui as folhas e os adesivos e as crianças (A. 5;5 anos; B. 5;10 anos) montam as caras dos palhaços colando os adesivos (18ª sessão):

37. P: vê se consegue aí fazer alguma coisa com os adesivos de trás

38. A: eu já sei como vai sê o olho do meu paiço (palhaço) ((sorriso ao falar errado e olha para P))

39. P: e aí?

40. B: ih vai sê difícil agora

41. P: tem pouca coisa agora

7) Humor “anômalo”: baseia-se naquilo que é improvável, naquilo que foge da “normalidade” das coisas e dos fatos. São os aspectos a) físico; b) não-habitual, i.e., as condutas que rompem com o que a criança conhece do mundo como a troca de papéis etc.; c) não-convencional, i.e., a infração às normas sociais como atravessar o semáforo quando ele

está vermelho etc.; e d) insólito gestual, ou os gestos e posturas cômicas.
a) a pesquisadora pede a F. (4;5 anos) que fale sobre a figura e aqui ele se apóia na imagem de um gato em forma de rádio (12ª sessão):

104. F: uma cabeça de gato

105. P: uma cabeça de gato... tá e o que que é um gato?

106. F: gato (é um chato) fala miau-miau ((imita um gato))

107. P: gato faz miau? e você conhece?

108. F: olha ((mostrando o rádio da figura)) é uma cabeça de gato grudada na na lua

109. P: uhn

110. F: **e o gato tem uma cara de vídeo ((sorri))**

111. P: ((risos)) ele tem uma cara de vídeo?

112. F: tem olha aqui ((aponta para a figura))

b) mais uma vez, a brincadeira dos adesivos (1ª sessão, S., 3;8 anos, V. 3;4 anos e M. 3;2 anos)

P: e o palhaço é engraçado?

60. V: É

61. P: é?

62. V: é

63. P: que que ele faz de engraçado o palhaço?

64. M: **cocô** ((falou com um sorriso escondido, de quem sabia o que estava falando enquanto colava o adesivo))

65. P: cocô? ((risos)) você já viu o palhaço fazendo cocô na rua?

66. M: é

67. P: uhn:: ((espanto))

68. M: lá longe

69. P: lá longe: uhn::

70. M: na rodoviária

((ininteligível))

71. P: e o seu palhaço engraçado o palhaço que você viu o que ele fez?

72. V: **(ele fez xixi) na rodoviária** ((falou rindo, enquanto colava o adesivo sabia o que estava falando e o efeito que isso já tinha produzido - riso da pesquisadora))

73. P: ele fez xixi na rodoviária? ((risos)) e o seu? ((se dirigindo ao S.))

c) novamente os adesivos (18ª sessão, A. 5;5 anos):

85. P: e por que que ele tá engraçado esse primeiro palhaço?

86. A: esse?

87. P: é... por que que ele é engraçado?

88. A: porque::: é porque: ele não tem roupa ((sorri))

89. P: ah ele não tem roupa? ((ri))

90. A: ele não tem roupa ((ri))

91. P: ahn que mais?

d) adesivos (18ª sessão, A. 5;5 anos, L. 5;5 anos e B. 5;10 anos)

193. P: ahn... e o que que o palhaço faz?

194. A: ele faz um monte de coisa engraçada ele faz... ele::: ((ri)) ele sobe em cima do elefante ((faz gestos de acordo com o que diz)) **depois cai** depois (pula) ((deita-se no chão rindo))

195. P: é? é engraçado?

196. A: é

8) Humor zombador: é o humor que se baseia na gozação do outro.

Mais uma vez, a situação com os fantoches (19ª sessão, A. 5;5 anos, B. 5;10 anos, L. 5;5 anos):

12. L: ei a filmagem já começô

13. A: uma filmagem sabe de quê?

14. P: ahn

15. A: uma filmagem... a filmagem

16. L: ((ininteligível))

17. A: ((gritando)) não é uma filmagem::

18. P: ahn

19. A: é uma filmagem que a gente tem que pesquisá muita formiga

20. P: ((ri))

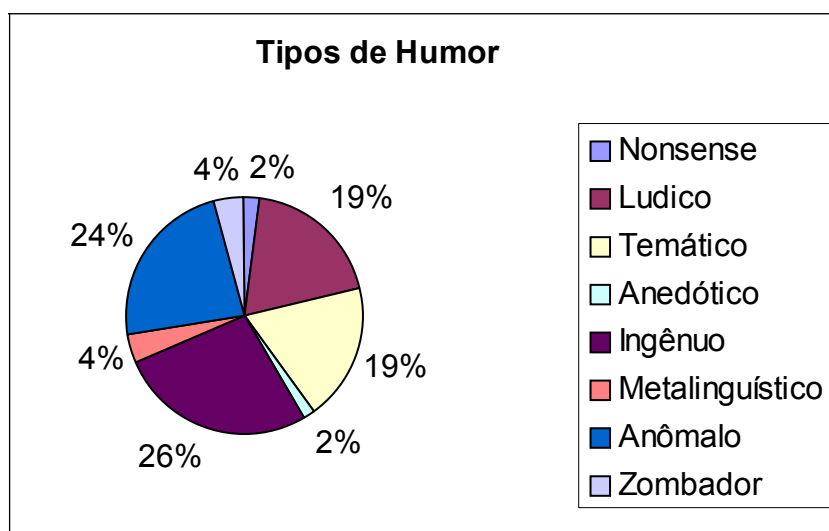
21. A: então tá filmando ((manipula rapidamente a boca do fantoche)) e eu tô mostrando as formigas e ela

22. B: não não não

23. A: e eu tô (fumando) isso

24. P: ((em tom de brincadeira)) cê tá fumando ou tá filmando? ((risos))

Vale dizer que o número de ocorrências a que chegamos (360) poderia ter sido superior caso tivéssemos considerado os casos em que o humor está ligado a situações engraçadas, objetos etc., mas que não eram verbalizados. Contudo, nossa preocupação foi apenas com o humor presente no discurso. E, embora uma análise em termos quantitativos não nos interesse diretamente, através dela podemos visualizar alguns resultados, como os que seguem:

Tabela 1⁸

A partir desse quadro, podemos verificar que os enunciados humorísticos do tipo ingênuo, foram os mais produzidos. Tal constatação nos leva a concluir que, por um lado, que, na maior parte das vezes, os enunciados são engraçados porque nós os denominamos enquanto tais, ou seja, não se tratou de uma “estratégia” da criança para fazer o outro ou ela própria rir, ela foi ingênua em relação ao efeito produzido por seus enunciados. Por outro lado, isso não nega a evidência de que os enunciados das crianças são passíveis de causar o riso em seu interlocutor. São, portanto, humorísticos, do nosso ponto de vista. Os tipos anômalo, temático e lúdico, metalinguístico e zombador, anedótico, por sua vez, foram produções a partir das quais as crianças riram.

É evidente que esses dados não podem ser considerados representativos em termos quantitativos, uma vez que não houve a preocupação de nossa parte em trabalhar dados estatísticos. Nesse sentido, podemos dizer que eles apenas apontam uma possível tendência para o humor produzido por crianças pequenas (3-5 anos).

Além disso, devemos considerar que tais enunciados foram produzidos em situações “artificiais”, embora tivéssemos tido a preocupa-

⁸ *Nonsense*: 11 ocorrências; *Lúdico*: 68 ocorrências; *Temático*: 67 ocorrências; *Anedótico*: 6 ocorrências; *Ingênuo*: 95 ocorrências; *Metalinguístico*: 14 ocorrências; *Anômalo*: 84 ocorrências; *Zombador*: 15 ocorrências.

ção de propor às crianças atividades nas quais elas se sentissem o mais à vontade possível, sem mencionar o “bom humor” e a disposição da pesquisadora em realizar essas atividades em clima de total convivência. Talvez, se tivéssemos considerado os enunciados que as crianças produziram em situação de interação com seus pais, por exemplo, com quem elas têm total liberdade e intimidade, os resultados fossem diferentes.

Considerações finais

Embora os dados que coletamos tenham nos permitido chegar a uma espécie de “tipologia do humor” – embora esse não tenha sido nosso objetivo –, ela não fecha a possibilidade de descoberta de outros tipos de enunciados com tom de humor; ao contrário, acreditamos que um trabalho dessa natureza só tem validade se, a partir deles, pudermos vislumbrar sempre novos caminhos que nos viabilizem chegar a novas categorias que dêem conta de explicar as infinitas produções linguísticas infantis.

Ainda no que diz respeito à tipologia dessas produções infantis, vale fazer uma ressalva. Além do fato de as categorizações serem reducionistas, são também o resultado de uma interpretação e, por esse motivo, são suscetíveis de questionamentos e até mesmo de discordâncias, considerando que uma interpretação é apenas um ponto de vista, que se fundamenta nas leituras e nas experiências dessa pessoa que as interpretou. Por outro lado, essa possibilidade de outras interpretações pode gerar discussões que, ao contrário, suscitarão reflexões, despertarão curiosidade, impulsionando e motivando a realização de novos estudos sobre o tema.

No que se refere ao presente estudo, a importância de classificar os diferentes tipos de ocorrência humorística se justifica porque através dessa classificação pudemos propor categorias ainda não exploradas – e que, portanto, podem servir de base para outros trabalhos.

A criança e/ou seu interlocutor podem rir: do jogo com o duplo sentido de um termo, que se utiliza em geral em contextos diferentes; da substituição de uma palavra por outra, cuja sonoridade é idêntica ou semelhante; da reunião de sons em uma justaposição inesperada; e, enfim, desse “algo a mais”, misterioso, que não se sabe bem ao certo o que é, mas que exerce um fascínio sobre aquele que ouve e, sobretudo, sobre aquele que o produz.

No que se refere à (boa) performance da criança nas situações dialógicas, foi possível constatar, em concordância com Mollo e Belletal-

Berthoux (1990), que ela está diretamente ligada à espontaneidade de sua linguagem. Assim, nas perguntas em que o adulto parecia induzir/ conduzir a criança a responder, ela hesitava ou fornecia fragmentos de explicação, mas não produzia os enunciados esperados. É propondo lugares dialógicos diferentes que a criança apreende o humor.

Diante disso, cabe dizer que quaisquer que tenham sido as condutas lingüísticas que tenham desencadeado a produção desses enunciados (os jogos de palavras, as condutas metalingüísticas etc.) elas podem ou não desencadear o riso na criança e/ou no adulto, se os componentes do diálogo (para quem, quando e onde) e, principalmente, o fator espontaneidade, permitirem o surgimento do efeito humorístico no discurso.

Assim, considerando nesse *corpus* o aspecto metalingüístico, é possível constatar que o jogo com a linguagem por parte da criança é evidente, havendo, portanto, uma manipulação (*maniement*) metalingüística precoce.

As questões “o que pensa a criança quando manifesta sua atenção em relação ao material lingüístico?”, ou, então, “ela tem a intenção de fazer o outro rir?”, parecem não ter solução. De um modo geral, a tendência de produzir efeitos de humor na fala utilizando-se de recursos variados que marcam a construção de um “estilo individual” parece ser antes uma busca semiconsciente - e não consciente, como afirma Mayrink-Sabinson (2000: 129). Isto porque, na maioria das vezes, por não expressar suas razões de modo explícito, a intenção da criança deve ser inferida, o que nos impede, assim, de chegar a uma conclusão definitiva.

Falar na existência de uma semiconsciência é admitir que a criança tenha uma certa consciência de seu “poder” – já que ela utiliza a linguagem a seu favor, para conseguir o que quer - mas, ao mesmo tempo, que ela não se dá conta desta capacidade em termos de regras. Em outras palavras, ela sabe jogar com a linguagem, ela conhece os efeitos de certos enunciados, embora não saiba de que modo nem por qual razão eles funcionam. Tal fato, por sua vez, nos leva a pensar que se a distância (*décalage*) entre a teoria e a prática é inerente ao homem, ela o é, sobretudo, à criança...

O que interessa - e isso é o suficiente - é que a língua não é em si um conjunto de respostas automáticas e, ao mesmo tempo, que o *arrière-fond* não é o mesmo para nós e para a criança, quando se trata, por exemplo, de contar uma história ou um fato engraçado. A criança, ao contrário do que acontece, em geral, com o adulto, ri de seu enunciado

escatológico, entre outras coisas, porque o que está nesse domínio é engraçado para ela.

A relação que a criança tem com o mundo (no que se refere ao nível da prática ou da significação que confere a ele uma cultura) e com a linguagem, enquanto modo de decodificação da experiência, é diferente se comparado ao adulto. Assim, não é possível analisar os dados infantis com conceitos “adultos”, por assim dizer.

As representações do mundo para um ou outro não têm a mesma exigência, os mesmos critérios de significação. Entre a representação que temos enquanto adultos e aquela da criança há um contraste e uma oscilação. A criança sabe de algum modo, ainda que desconheça as razões, que algumas coisas que ela diz divertem o adulto. Aos poucos, a partir das reações-respostas dos adultos que orientam suas interpretações, ela começa a “armazenar” informações que a ajudarão a compor um saber-fazer-ri.

Diante disso, um outro problema a ser discutido é o valor humorístico que se atribui aos enunciados. Do mesmo modo que não se pode analisar as produções infantis a partir de conceitos “adultos”, a noção de humor e daquilo que é engraçado também é discutível. Aquilo que faz um adulto rir pode não fazer uma criança rir e vice-versa, assim nos deparamos também com o problema de uma situação ou enunciado lingüístico terem sido selecionados por um adulto - pesquisador - que os identificou e os designou como tais. De qualquer maneira, deve-se levar em conta, no momento da análise, o ponto de vista da criança: se ela ri ou não - não importa, nesse caso, se nós, adultos, rimos ou não, quando nos deparamos com suas produções.

Nesse sentido, poderíamos ainda nos questionar, no que se refere a essas produções que consideramos humorísticas, se outras crianças ou outros adultos achariam graça dos enunciados que foram motivo de riso nos *corpora* apresentados, i.e., se eles ririam se tais formulações fossem produzidas em outro contexto, em que os interlocutores não fossem os mesmos, a situação de comunicação fosse outra, o espaço físico, temporal, e até emocional de cada um deles fosse diferente.

O que podemos dizer, com base neste estudo, é que os enunciados humorísticos só são reconhecidos enquanto tais pelos interlocutores quando o contexto no qual eles se inserem propiciam, de um modo geral, seu aparecimento, isto é, quando há convivência entre os interlocutores (se estamos “entre amigos”, se nos sentimos à vontade etc.), se seu “estado de espírito” favorecer – uma pessoa mal-humorada ou que se sentisse

triste dificilmente sentiria prazer nessas produções – , se o tipo de situação permitir (se o meio não exerce nenhum tipo de pressão, não se trata de uma situação em que as pessoas se sentem avaliadas etc.).

No caso dos enunciados das crianças desta pesquisa, não estamos diante de estruturas lingüísticas que favorecem o aparecimento do riso, tais como as piadas, por exemplo (embora, uma pessoa que não entenda tais piadas, obviamente, não terá motivos para rir). Diante disso, acreditamos que tais produções, enunciadas em outro(s) contexto(s), com outros interlocutores, talvez não tivessem a mesma repercussão. De qualquer modo, seria necessário realizar um novo experimento em que crianças e adultos fossem expostos a eles.

No que diz respeito à convivência, é preciso ressaltar, igualmente, que não é possível a utilização dos mesmos parâmetros de análise utilizados com os adultos para tratá-la. Comparando-se as interações, constata-se, contudo, que, para que haja humor partilhado (*partagé*), deve haver convivência entre os interlocutores.

Assim, no que se refere à aparição do humor no discurso da criança, parece evidente, a partir dessas colocações, que o humor só se produz em situações espontâneas, ou melhor, quando se força uma situação de convivência ou se pede à criança que diga qualquer coisa de engraçado, esse expediente não funciona de modo algum.

Parece-nos evidente, diante dos dados coletados e dos resultados que obtivemos, que:

- a) a ocorrência de um maior número de enunciados humorísticos ingênuos revelam que, em geral, a criança não pretendeu produzir algo que fizesse ela própria ou o outro rir – assim, aquilo que é engraçado para nós pode não ser para ela –, mas, apesar disso, suas produções continuam a encantar a todos, pela maneira mágica e única com que ela faz uso da língua;
- b) na maioria das vezes, os enunciados humorísticos se misturam: é a união de dois ou mais tipos desses enunciados que causam o riso no locutor e/ou no interlocutor;
- c) o acesso ao discurso humorístico, seja para sua produção – que constitui o foco de nossa atenção –, seja para sua compreensão, só é possível graças a um conjunto de fatores que, reunidos, permitirão à criança pequena fazer uso dele: os risos e os sorrisos, o *nonsense*, os jogos de linguagem, as anomalias, os enunciados metalingüísticos, os movimentos

discursivos (a convivência, as condutas explicativas, as irrupções etc.) e o contexto em que ele se produz.

Vale ainda dizer que os *corpora* coletados para a pesquisa sobre o humor nos levam a crer que, ao contrário do que se supõe, a gestão do humor lingüístico parece surgir cedo na linguagem da criança. Do mesmo modo, essa conduta que a criança desenvolve parece ser útil a ela - e não pouco útil, como afirmou o próprio Gombert (1990: 155) -, se considerarmos que a criança se vale dessas manipulações lingüísticas para conseguir o que quer: mais do que fazer o outro rir, ela parece querer se divertir, brincar com as palavras pelo puro prazer de fazê-lo, para atrair a atenção desse outro, ou mesmo zombar dele.

Por isso, ela própria e/ou seu(s) interlocutor(es) ri(em): no caso da criança/locutor, o motivo do riso são a brincadeira lingüística em si e o prazer que ela proporciona. Quanto ao interlocutor, em se tratando de uma criança, ela pode rir do jogo de linguagem em si e/ou dos efeitos que ele produziu; se for um adulto, ele pode rir da ingenuidade com que a criança produziu um enunciado, do fato de uma produção infantil não fazer sentido para ele, ou da surpresa da precocidade e do efeito de certas manipulações lingüísticas espontâneas.

Nesse sentido, se refizéssemos o quadro dos enunciados humorísticos, separando as produções infantis das dos adultos, teríamos como pertencendo à criança, neste trabalho, os enunciados que chamados de “lúdicos”, “temáticos”, “anedóticos”, “metalingüísticos”, “anômalos”, “zombadores”, enquanto os “*nonsense*” e “ingênuos” poderia ser atribuídos ao adulto já que a criança não ri deles.

De qualquer modo, independentemente da razão desse(s) riso(s), o fato é que a criança pequena pode, sabe, gosta e entra efetivamente com facilidade no jogo do humor, do bizarro, às vezes até melhor e com mais rapidez do que o faria alguns anos depois...

Por fim, isso traz à tona uma outra questão a ser ainda explorada, mas desta vez no âmbito da Educação: a necessidade de serem trabalhados os aspectos humorístico e metalingüístico (através da explicação no discurso), não apenas no Ensino Fundamental, mas, também, no Ensino Médio, se considerarmos que o humor constitui um poderoso instrumento de crítica à sociedade e, de um modo geral, à realidade. A criança conhece o mundo por meio da linguagem e, nessa dinâmica, estabelece-se uma relação indissociável entre percepção, cognição e significação lingüística. Diante disso, é de se espantar que os educadores não tenham descoberto esse expediente tão eficaz, que poderia ser

usado com a criança e pela criança, facilitando seu progresso, a conquista de sua autonomia e sua adaptação ao meio no qual vivemos.

Abstract: *The aim of this work is to bring up some questions based on our doctoral research (DEL RÉ, 2003) regarding humor in 3-5 year-old child speech. Transversal data were collected in twenty-four 30 minute sessions recorded on video. We intend to demonstrate the factors that lead to the production of statements that cause the child and the interlocutor's laugh and to have a better understanding of child humor, considering these productions. We mainly intended to discuss the results and verify to what extent it is possible to observe infantile data from an adult look.*

Keywords: *Humor. Child. Speech. Language acquisition.*

Referências

ALBANO, E. C. *Da fala à linguagem: tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

AIMARD, P. *Les bébés de l'humour*. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 1988.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARIAUD, F. *La genèse de l'humour chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

BRUNER J. K. *Comment les enfants apprennent à parler*, Paris : Retz, 2004.

DEL RÉ, A. *A criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico*. São Paulo, 2003. v.1. 265 f, v.2 164 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

EMELINA, J. *Le comique: essai d'interprétation générale*. Paris: SEDES, 1996.

GOMBERT, J.E. *Le développement métalinguistique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

MAYRINK-SABINSON, M.L. Fazendo humor no texto: a emergência do estilo a partir da análise de um corpus longitudinal em aquisição da escrita. *Trab. Ling. Apl.*, 36. Campinas, p.121-130, 2000.

MOLLO, E.; BELLEVAL-BERTHOUX, A.A. Explication d'un jeu de société par de tout jeunes enfants. *CALaP*, 7/8: 189-210, 1990.

OCHS, E. *Culture and language development : language acquisition and language socialization in a Samoan village*. Cambridge : Cambridge University Press, 1988.

OCHS, E. ; SCHIEFFELN, B. Language acquisition and socialization : three developmental stories in R. Schweder and R. LeVine, *Culture theory : essays in min, self and emotion*, Cambridge : Cambridge University Press, 1984.